

## MIGRAÇÃO, IDENTIDADE CULTURAL E HISTÓRIA ORAL: PERCURSO POSSÍVEL DE PESQUISAS.

Eliene Dias de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo propõe pensar a migração a partir da perspectiva metodológica da história oral e em diálogo teórico com a identidade cultural enquanto um caminho de pesquisa possível, quando se almeja abordar temas voltados à compreensão de grupos migrantes e sujeitos em diáspora.

**Palavras-chave:** migração; identidade; história oral;

### Summary:

This article proposes to think the migration from the methodological perspective of oral history and theoretical dialogue with the cultural identity as a possible search path when it aims to address issues facing the understanding of migrant groups and individuals in the diapora;

**Keywords:** migration; identity; oral history;

### Apresentação

Este artigo propõe pensar a migração a partir da perspectiva metodológica da história oral e em diálogo teórico com a identidade cultural enquanto um caminho de pesquisa possível, quando se almeja abordar temas voltados à compreensão de grupos migrantes e sujeitos em diáspora. Inicialmente será apresentada uma breve discussão acerca dos pressupostos teóricos que amparam o conceito de migração; num segundo momento discutiremos acerca da metodologia da história oral e, por último, discorreremos acerca da identidade cultural migrante.

### Pensando as migrações

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela UFGD com realização de estágio de doutoramento na *Università degli Studi di Genova* (Itália). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Gênero, História e Interculturalidade e da Associazione Internazionale AREIA, com sede na Itália. Professora do Curso de História da UFMS/Campus Coxim. Email: elieneoliveira@yahoo.com.br

Ao se abordar o tema da migração, seja no âmbito interno ou no externo, frente às disparidades de itinerários epistemológicos possíveis, Sayad (1998-15) aponta que reside na afirmativa de que “A imigração é um fato social completo” a única possível concordância da comunidade científica a respeito de tal temática.

Destarte, talvez tenhamos ainda a consonância de pensamento quanto ao caráter interdisciplinar dos estudos migratórios (PÓVOA NETO & FERREIRA, 2005; SAYAD,1998). Logo, perante uma temática que tem sido analisada por diferentes vieses teóricos, é importante a construção de um caminho epistemológico que não dialogue exclusivamente com uma mesma área de análise, como o campo da história, ou da sociologia; ao contrário, entendemos que é no cruzamento de olhares, no flerte sem censuras, que se revelarão maiores e mais instigantes possibilidades de pesquisa.

Vários teóricos reconhecem que a busca por melhoria material tem sido primordial no desencadeamento do processo migratório, desvelando que a decisão de migrar traz implícita a expectativa de prosperidade, sendo preponderante o domínio dos motivos econômicos sobre os demais aspectos (RAVENSTEIN, 1980 – 286; DA MATA 1980-815; HASSE, 2007-77). Se os fatores de expulsão são os definidores da região onde se originam os fluxos migratórios, por outro lado são os fatores de atração os determinantes da orientação desses fluxos e das áreas às quais se destinam. Entre os fatores de atração, o mais importante é a demanda por força de trabalho. (SINGER, 1980-226).

A esse respeito é interessante observar os apontamentos de Moura (1980-1066) sobre a região Nordeste no período de 1950 e 1960, em que o estudioso menciona as várias grandes secas (1950/52 e 1958) como fatores de expulsão e, entre os fatores de atração, a Construção de Brasília, a expansão da fronteira cafeeira do Paraná, o “boom” industrial de São Paulo, a expansão na construção civil no Rio de Janeiro, entre outros, certamente intensificando o fluxo de emigração nordestina. A região Centro Oeste apresentava-se nesse contexto como o “vazio”<sup>2</sup>a ser povoado com os excedentes populacionais do resto do país.

Sendo a migração interna um processo social, Singer (1980, p.236) supõe a existência de causas estruturais capazes de impelirem determinados grupos a se porem

---

<sup>2</sup> O discurso da ocupação dos “espaços vazios” foi largamente utilizado como ferramenta ideológica, no sentido de legitimar as políticas de ocupação e desenvolvimento da região Centro Oeste, sobretudo no Governo Vargas (1930-1954). Para Lenharo ao contrário dos vazios, esses espaços eram ocupados por relações de poder (1986-60).

em movimento. Essas causas são quase sempre de fundo econômico e atingem os grupos sociais de forma distinta. O olhar aguçado do pesquisador deve atentar para a diferença entre os motivos para migrar, que são individuais, e as causas, que são estruturais.

Vainer (2005, p.261) reconhece duas grandes correntes de pensamento social acerca das teorias migratórias: o individualismo metodológico e o estruturalismo. No modelo do individualismo metodológico o trabalhador age com total liberdade, como empresário de si mesmo e detentor de certo capital humano. A migração tem como origem a liberdade e o cálculo racional. Escravos e servos não podem ser inseridos nesse modelo, já que destituídos desse bem. “Para o pensamento liberal, o espaço social é o espaço da liberdade, e a migração é o movimento através do qual os indivíduos exercem sua liberdade individual” (VAINER, 2005-262). Ao contrário, no modelo estrutural, é o movimento do capital que comanda a mobilidade e a expansão do trabalho. A liberdade do trabalhador existe, mas aparece em sua dimensão negativa. “Em contraposição ao sujeito onipotente e irredutivelmente livre em sua individualidade que nos apresenta o modelo liberal, o modelo estruturalista opõe um sujeito quase inexistente, simples epifenômeno da estrutura.” (VAINER, 2005-262)

Nas duas perspectivas teóricas ora apresentadas é o viés econômico o cenário de deslocamento e localização das populações. A partir da análise de situações de caso o autor aponta que há, atualmente, uma desigualdade no direito de circular. Não estamos, portanto, no espaço da racionalidade econômica e do mercado livre ou sequer no espaço das estruturas, mas sim no espaço da política e do poder.

No arguto olhar de Vainer esse é o cenário teórico de crise das teorias migratórias advindas do economicismo liberal ou do economicismo estruturalista, ambas a ignorarem o espaço migratório como lugar do exercício da violência e do poder; violência que tanto leva à mobilização quanto à imobilização forçadas.

A exemplo citamos a apresentação da obra de título paradigmático *Cruzando Fronteiras Disciplinares*, na qual seus autores procuram definir os estudos migratórios como um “campo de investigação científica que indaga sobre os movimentos espaciais de população, no passado e no presente [...] relacionando tais processos à formação de identidades e subjetividades [...]”(PÓVOA NETO & FERREIRA, 2005-10). Nessa ótica, o migrante é o resultado de uma necessidade de deslocamento, motivado por **“guerra, desemprego, penúria, perseguição”** (2005-11, GRIFO MEU)

Embora reconhecendo a centralidade das questões de cunho econômico e político como grandes propulsoras do processo migratório, consideramos adequado problematizar os limites dessa interpretação. A supervalorização de condições externas que deflagrariam a migração possibilita a produção de uma análise que torna opaca a agência dos próprios sujeitos migrantes. Nesse sentido, corre-se o risco de comprometer o papel protagonístico dos migrantes, omitindo-se que esses sujeitos sociais são parte constitutiva do processo ocorrido como tem evidenciado suas experiências e memórias.

A esse respeito Thomson lembra que:

[...] embora pressões econômicas frequentemente influenciem as decisões de migrar, testemunhos pessoais revelam uma complexa teia de fatores e influências que contribuem para a migração, além de todo processo de troca de informações e negociação através das famílias e redes sociais.” (THOMSON, 1999-28 apud FONTES, 2008-84)

Corroborando essa perspectiva a historiadora das migrações Carla Monteiro Souza (2006-10) enfatiza que:

[...] o que a experiência nos mostra é que o entendimento do que move os indivíduos, do que os empurra de um lugar para outro, vai muito além da configuração dos fatores socioeconômicos. Estes são importantes, pois definem em primeira instância o caráter de uma migração, sem, contudo, definir completamente a sua lógica interna, os seus nexos, sentidos e significados, configurados em boa parte pelas mediações culturais e pelas escolhas individuais.

Durham (1984) ao reconhecer a migração como um processo, alude ao espaço social da migração, evidenciando que essa não pode ser compreendida exclusivamente como deslocamento geográfico. As migrações simbolicamente representam uma movimentação no universo social.

Dentro desse universo social da migração, as relações pessoais constituem um instrumento importante para a consecução e realização do processo migratório. Nesse sentido, vários autores (DURHAM, 1984; SINGER, 1980; FONTES, 2008) apontam a importância das redes sociais tecidas em torno do migrante como um dos sustentáculos do processo migratório e do seu processo de reterritorialização nas novas paragens. Muitas pessoas migram para onde tenham conterrâneos, amigos ou familiares, mobilizando um universo de referências já existentes em algum momento de suas vivências. “A adaptação do migrante recém-chegado ao meio social se dá frequentemente mediante mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade de migrantes mais antigos.” (SINGER, 1980-240)

Endossando essa perspectiva em sua pesquisa, ao perceber a migração como

processo concreto e específico na vida de migrantes nordestinos, não os elegendo nem a heróis desbravadores nem a vítimas da seca ou das circunstâncias, mas a sujeitos de sua história, Fontes evidencia a importância das redes sociais, tanto no próprio processo de migração quanto nas lutas na fábrica, no sindicato e no bairro. O reconhecimento dos migrantes como sujeitos exige uma mudança de postura epistemológica, ao não percebê-los como “apenas reflexos das forças econômicas determinadas externamente, embora estivessem imersos nelas.” (FONTES, 2008-54)

Nesse sentido, a tessitura de redes de solidariedade, trocas de informações e negociações são indícios do papel protagônico desses sujeitos em suas estratégias dentro do processo migratório. Muitos autores enfocam a migração inclusive como um projeto familiar, ainda que em etapas, (DURHAM, 1984-129; FONTES, 2008-58) demonstrando o grau de importância das redes sociais, bem como a organização existente frente ao aparente caos que a imagem da migração enquanto mudança/ruptura pode suscitar.

Como enunciado, no olhar de Sayad a migração é um fato social completo, sendo necessário analisá-la em seus vários aspectos (políticos, econômicos, sociais e culturais), considerando-a em sua dupla dimensão de fato coletivo e trajetória individual (1998, 1-2). Nesse sentido, o paradoxo da migração nos apresenta um duplo caráter que não pode ser ignorado: o imigrante e o emigrante constituem o mesmo sujeito, vivendo a densa experiência da migração. Nessa perspectiva teórica, o autor argumenta que o imigrante, antes de “nascer” para a imigração, é primeiro um emigrante (1998-16) evidenciando o que parece ser uma dupla contradição do caráter migratório. Por um lado, não se sabe se trata de um estado provisório que se quer prolongar indefinidamente ou, por outro, se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com intenso sentimento de provisoriedade.

Certamente, pela impossibilidade de lhes atribuir um sentido unívoco, a emigração e o seu par equivalente, a imigração, são categorias paradoxais e dotadas de ambivalência. Não obstante as dificuldades apresentadas, consideramos pertinente as considerações de Sayad a esse respeito, trazendo luz e não definições conclusas a esse campo teórico:

A imigração é, por essência, da ordem da exterioridade: o imigrante provém do exterior; e, com a imigração, a exterioridade chega à (ou dentro da) interioridade – do mesmo modo, o emigrante vai para o exterior e, com a emigração, a interioridade vai no sentido de alguma exterioridade; a oposição imigração/emigração (ou imigrante/emigrante) permeia toda uma série de outras oposições homólogas estruturalmente relacionadas: presença/ausência,

interior (ou interno)/exterior (ou externo), privado (doméstico)/público etc. Imigrar é vir para o interior (do exterior) ou no interior (do externo), é estar presente aqui etc.; emigrar é ir do interior (ou do interno) para o exterior (ou para o externo), da intimidade, do “privado” (do doméstico) para o público, é estar ausente aqui para estar ausente lá etc. (SAYAD, 2008-273)

Embora as considerações de Sayad estejam contextualizadas dentro da migração internacional, entendemos que as reflexões teóricas não são domínios exclusivos dos objetos de trabalho que as engendraram. Nesse sentido, o olhar do autor pode embasar ainda reflexões acerca das migrações internas.

Em relação a essa tipologia de migração no Brasil Albuquerque Jr. nos lembra que somos um país de grupos sociais marcados pelo nomadismo, pela constante peregrinação, em busca de melhores condições de trabalho ou de vida. Esses grupos sociais carregam na bagagem onde chegam, a marca do forasteiro, do migrante, muitas vezes do intruso ou do estranho. Não possuem território próprio, “muitas vezes apenas a lembrança e a saudade vaga de uma terra em que um dia nasceram e que carregam consigo aonde vão, tendo que permanentemente reconstruí-la em sua memória, através de seus relatos”. (2007-87) Relatos esses lidos a partir das memórias e experiências que constituem seus enredos, a nos contarem desse amálgama de significados que portam consigo.

### **A História Oral: encontro e alteridade**

Enquanto aparato metodológico na abordagem de trajetórias migrantes, a história oral figura como um caminho de produção e análise das memórias de homens e mulheres que, ao narrarem suas vivências e memórias, re(s)significam sua história. A entrevista, momento crucial na produção da narrativa, é, sobretudo, momento de encontro:

[...] durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A “entre/vista”, afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo. (PORTELLI, 2010-20)

Momento esse em que as diferenças não são apagadas, mas em que se cria utopicamente uma experiência de igualdade, “na qual dois sujeitos, separados pelas hierarquias culturais e sociais, escancaram suas desigualdades e as anulam, fazendo

delas o território de suas trocas” (PORTELLI, 2010-213). Nesse sentido, a entrevista é um confronto com a diferença e com a alteridade.

Na perspectiva da historiadora Yara Aun Houry (2001-84), a entrevista abre caminho para pensarmos e trabalharmos a noção de fato histórico. Pois, se cada pessoa traz, em suas experiências e narrativas, elementos de sua cultura impregnados de seu próprio ponto de vista, forjados em convívio e em conflito na dinâmica social, não só dizemos que, na narrativa, dispomos menos de fatos reconhecidos como tais, que de textos, de enredos, como também que estes, a seu modo, são também fatos, ou seja, dados de algum modo objetivos e que merecem serem estudados e analisados. Logo, sonhos, expectativas, propostas, projetos, fabulações e memórias, trazidas pelos interlocutores, são também percebidos como fatos passíveis de reflexão objetiva, oferecendo indícios concretos de possibilidades interpretativas.

Na realidade, fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. “Elas têm em comum as características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra). Desta forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos”. (PORTELLI, 1997-26).

Ao tentar rememorar sua trajetória, o narrador vai à busca de sua própria identidade. Ao contar suas experiências e emitir suas opiniões, conferindo sentido aos seus gestos, o ator se torna sujeito de seus próprios atos, percebendo seu papel singular na totalidade social em que está inserido.

Logo, pela história oral não buscamos apenas conhecer os fatos, mas principalmente perceber os sentidos e os significados que os migrantes atribuem às suas vivências. O narrador não relata um fato como ele aconteceu, mas sim a partir de algumas memórias que ele considera mais importantes, e ao mesmo tempo renunciando a outras. E essa re/elaboração sempre se faz à luz do seu presente. Ao rememorar sua trajetória, ele está também procurando construir sua própria identidade, principalmente a partir das experiências nas quais se considera parte.

Nesse olhar, entendendo a história oral enquanto metodologia de trabalho possível ao profissional de História, a propomos em nossa análise como uma alternativa às interpretações estruturais e como um contraponto ao discurso homogeneizador, que nega o caráter plural dos acontecimentos. Parafraseando Raphael Samuel (1990-232), o uso da fonte oral não objetiva preencher vazios, mas através da memória desses sujeitos

perceber as múltiplas representações tecidas na vivência social, expressas na elaboração de suas narrativas e carregadas de significados ainda não plenamente explorados.

Pois ao contar a sua história, o migrante produz um texto que busca atender a si mesmo e ao ouvinte. A objetividade deste texto está situada em um repertório de habilidades e informações culturalmente situadas em quadros de referência, cuja abordagem é necessária para a compreensão dos conteúdos das narrativas. Ao falar de si esse sujeito é, a um só tempo, produtor e decodificador de narrativas, isto é, ao narrar, ele se re/desenha no texto e observa seu próprio reflexo.

Relegar às narrativas o papel fundamental na compreensão da realidade histórica é reconhecer que, na relação memória/história, a trama da vivência de grupos sociais distintos envolve a memorização do acontecer social, que também faz parte do exercício do poder. Por isso, quando lidamos com a diversidade de memórias, não devemos apenas pensar num conflito entre a memória comunitária pura e espontânea e a oficial, “ideológica”, de forma que, uma vez desmontada esta última, se possa assumir a autenticidade não mediada da primeira. Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas. Todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas (PORTELLI, 1998-106).

### **Identities migrantes**

A identidade é um processo em construção, processo esse permeado de contínuas tensões, sentimentos difíceis de serem traduzidos. Falar de identidade é falar de diferença. Reconhece-se o que se é a partir do que não se é, a partir do outro, do que lhe é diferente. Assim, demarcar espaços que denunciam um sentido de pertença é também situar o campo do que não pertence. É demarcar campos de embates e também de aproximações. A identidade, nesse sentido, é marcadamente um campo de disputa.

Em *Da Diáspora* (2009-26), Hall questiona a possibilidade de pensarmos numa identidade cultural portadora de traços de unidade essencial, unicidade primordial e indivisibilidade, inscritas em relações de poder construídas pela disjuntura e pela diferença. Esse universo conflitante do sujeito em diáspora põe em xeque as ideias de pertencimento, mas também abre espaço para a compreensão de um novo sujeito que surge menos atrelado às roupagens da tradição.

A respeito dessa identidade sempre em crise do sujeito migrante, nos diz Sayad que:

Embora evite dizê-lo em voz alta, o emigrante sabe – por experiência – que a emigração é a origem das contradições nas quais se encontra encerrado. Assim, sente-se inclinado, não sem alguma razão, a considerá-la responsável por todas as suas desgraças. Mas como acusar e condenar assim a emigração sem colocar a si mesmo em acusação e sem pronunciar dessa forma sua própria condenação? [...] (1998, 225-226)

Paradoxal, ambivalente, contraditória é a migração, como um processo intenso e efetivo:

Assim, por falta de poder ser dominada e, por conseguinte, dotada de um significado unívoco, a emigração leva de uma impossibilidade a outra; ou melhor, porque é investida de funções e investimentos ambivalentes, obriga a reunir duas impossibilidades contraditórias: assim como não pode (nem quer) detestar deliberadamente e absolutamente sua emigração, o emigrante descobre que não pode também (e não quer) amá-la absolutamente. [...] a vida do emigrante está inteiramente dividida entre essas duas contradições.[...]. (SAYAD, 1998-225,226)

Nesse percurso não linear a identidade migrante se apresentará também perpassada pelas marcas do contraditório e do ambivalente. Para Hall, os migrantes, indelevelmente, trazem em si as marcas da diáspora, da hibridização e da *différance*. Sua integração se faz a partir de acordos e negociações, muitas vezes contraditórias, dentro e fora de suas comunidades, construindo relações transversais e laterais (2009-79). Endossando esse olhar Bhabha mensura a forma como a “questão da diferença cultural nos confronta com uma disposição de saber ou com uma distribuição de práticas que existem lado a lado, *abseits*, designando uma forma de contradição ou antagonismo social que tem que ser negociado em vez de ser negado.” (2010-228). Identidade negociada, produzida em momentos particulares no tempo; portadora de um núcleo essencial que distinguirá um grupo do outro; e produto de diferentes componentes (HALL, 2000), assim é a identidade migrante.

Logo, ao pensar o sujeito migrante em relação dialógica com a cultura e o modo de vida da população local, podemos afirmar que tal sujeito encontra-se em permanente processo de construção/desconstrução de elementos culturais e idiossincráticos. O que nos parece bastante comum, visto que entram em contato, entre outras coisas, com os elementos culturais do outro. Nesse *continuum*, estamos sempre produzindo cultura, num processo de tornar-se (HALL, 2009-43). Fruto do inacabado, dos encontros e dos desencontros, a cultura e a identidade migrante não são, mas fazem-se, diuturnamente.

A respeito desse processo constante de refacção de viveres, identidades e processos culturais, a pesquisadora das migrações Carla Monteiro de Souza (2006-01) enuncia que:

Viver em outro lugar, reestruturar relações humanas, espaciais e temporais é tarefa complexa. A convivência do migrante com os “da terra” é exercida em via de mão dupla, na qual o movimento de desenraizar e enraizar é constante, variando de acordo com muitas situações específicas.

O ato de, muitas vezes, celebrar e relembrar o modo de vida de origem não impede o migrante de estabelecer trocas e assimilações com a cultura local, aqui considerando-a também como fluida e não como um conjunto de elementos estanques. Bhabha (2010-27) sugere que a experiência afetiva da marginalidade social imprime à cultura significados para além dos objetos de arte ou da estética. Logo, essa experiência nos força a lidar com o conceito de cultura como a produção sempre irregular de sentidos e valores que são produzidas no ato da sobrevivência social.

Ainda Canclini (2011-201) enfatiza que toda cultura é resultado de uma seleção e uma combinação, sempre renovada, de suas fontes. Logo, as identidades culturais nunca se apresentam de forma única, constituindo-se sim em re-apresentações, teatro, simulacro, híbridas por excelência.

Numa perspectiva audaciosa, afirma que todas as culturas são de fronteira. Assim, desvincula-se univocamente a cultura do seu território, atribuindo-lhe outros sentidos a partir das tecnologias comunicacionais e da reorganização industrial dos bens culturais. Logo, propõe outros tipos de vínculos entre a cultura e o território, capazes de transformar as condições de obtenção e renovação do saber e da sensibilidade. (CANCLINI, 2011- 263, 348)

### **Considerações Finais**

Creemos que as escolhas teórico-metodológicas trilhadas (na abordagem de uma temática histórica) enunciam a perspectiva e o olhar daquele que pesquisa. Desta forma, procuramos apresentar um caminho possível de abordagem ao estudo das migrações.

Acerca da metodologia poderíamos tomar de empréstimo a metáfora do garimpeiro em busca do caminho das pedras preciosas para traduzir a dificuldade documental em relação a temas ligados a pessoas comuns, como é o caso dos homens e

mulheres que migram. A diferença é que na pesquisa histórica o pesquisador terá, muitas vezes, de fabricar suas próprias pedras preciosas. Assim, a história oral proporciona essa oportunidade de “entre/vista” e de encontro entre sujeitos e possibilita a reflexão teórica alicerçada nas narrativas. Teoricamente, entendemos ainda a dificuldade de refletir acerca de sujeitos em diáspora e suas trajetórias sem dialogar com a temática da identidade cultural.

O caminho apresentado é, no entanto, um dos percursos possíveis, não pretendendo esgotar as possibilidades e itinerários possíveis no enfrentamento das questões densas e multifacetadas da temática migração. Pretende, no entanto, ser uma contribuição aos debates e reflexões acerca da pesquisa histórica.

### **Bibliografia**

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.

BHABHA, Homi K.. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2011.

DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HASSE, Geraldo. “Meus caros Pais”. Uma trajetória Migrante. In: M. J. Cunha e Milton Guran et alii. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007, p. 75-90.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, 2001.

LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste*. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

MATA, Milton da. Urbanização e migrações internas. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p. 807-844.

MOURA, Hélio A.. O balanço migratório do nordeste no período 1950/70. In: MOURA, Hélio A. (org.). *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.1.025-1.071.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, N.º 14, pp. 29-30, 1997.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, nº19 set.89/fev.90.

PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revam, 2005.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.19-88.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SINGER, Paul I. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio A. de. (org.). *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do Nordeste S/A, 1980, p.211-244.

SOUZA, Carla Monteiro de. História Oral e os Estudos Migratórios na Amazônia Brasileira: o caso de Roraima. *Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. 26ª Reunião. Julho/2006.

VAINER, Carlos B. Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na contemporaneidade. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revam, 2005, p. 251-274.